

X X I

FIM DO PRIMEIRO REINADO

Um dos traços característicos do povo brasileiro é o seu profundo amor á liberdade. A largueza da terra e o infinito dos horizontes dilataram os sentimentos de emancipação em todas as almas chamadas a viver sob a luz do Cruzeiro. Desde a formação dos primeiros movimentos nativistas, a mentalidade geral do Brasil obedeceu a esse nobre imperativo de independencia e, ainda hoje, todas as ações revolucionárias que se verificam no país, lamentavelmente embora, trasem no fundo esse anseio de liberdade como o seu movel essencial.

A attitude de D. Pedro I ordenando a dissolução da Constituinte, em 1824, encontrara funda repercussão no espirito geral.

Se bem ignorasse o que vinha a ser uma constituição bôa e justa, o povo a reclamava, dentro do seu conhecimento intuitivo, acerca da transformação dos tempos.

O imperador, apesar das suas paixões tumultuarias e das suas fraquezas como homem, possuía notável acuidade, em se tratando de psicologia política. Os estudiosos que viram na sua personalidade somente o amoroso insaciável, muitas vezes não lhe reconhecem o espírito empreendedor na direção da causa pública, inaugurando a era constitucional do Brasil e Portugal, com as suas valorosas iniciativas. É de lamentar os seus transviamentos amorosos e a tragedia da sua vida conjugal, quando a seu lado tinha uma nobre mulher, cujas renúncias e dedicações elevavam-se ao heroísmo supremo; mas, nos instantes em que seu coração se tocava das idéias generosas, criando no seu mundo íntimo o estado receptivo propício às inspirações do mundo invisível, as falanges de Ismael aproveitavam o minuto psicologico para auxiliá-lo na tarefa de consolidação da liberdade da patria do Evangelho. Foi, desse modo, que muitos decretos foram lançados de suas mãos objetivando, inegavelmente, a tranquilidade geral.

Como dizíamos, a sua resolução extrema dissolvendo a Assembléia e exilando os Andradas, havia cavado um abismo entre ele e a opinião publica, intransigentemente apaixonada pela emancipação do país. As lutas isoladas multiplicavam-se assustadoramente. No Rio e nas provincias, tudo era um clamor surdo de

protestos contra os atos de D. Pedro, que, aliás, não poderia manter outra atitude em face do ambiente confuso do país.

A provincia de Pernambuco onde se fixaram, inicialmente, as balisas dos grandes sentimentos da liberdade e da democracia com a influência de Mauricio de Nassau, guardava, mais que nunca, o sentimento de independencia e de autonomia. Todas as grandes idéias encontravam, no Recife, o clima apropriado ao seu desenvolvimento e foi justamente aí, que as deliberações de D. Pedro feriram mais fundo. A 24 de julho de 1824 estalam, na terra pernambucana, os primeiros movimentos da Confederação do Equador, que se ramificava por toda a região do norte e vinha proclamar as generosas idéias republicanas. Paes de Andrade coloca-se á frente da ação revolucionária, com o objeto de agir contrariamente ao imperador, a quem se attribuia o proposito de reunir as corôas do Brasil e de Portugal, reintegrando-se o primeiro na vida colonial. Mas o governo central providencia energicamente. Lord Cochrane e Lima e Silva são enviados com urgencia para eliminar a insurreição. Em Pernambuco, o Marquês do Recife, com todo o seu prestígio entre os lavradores inicia a defesa do governo imperial e prestigia as tropas enviadas, que sufocam o movimento. Os republicanos são vencidos e presos. Paes de An-

drade refugia-se num navio inglês, conseguindo escapar á ação repressiva do Imperio, mas João Ratclif e Frei Caneca pagam com a vida o sonho republicano. Executados militarmente, são eles o doloroso escarmento para os companheiros. Ambos iam, porém, associarse aos trabalhos do Infinito, sob a direção de Ismael, cuja misericórdia alentava as energias da patria brasileira.

Com o desaparecimento da Confederação do Equador, as agitações intestinas não haviam terminado. Os reinóis, espalhados por todos os recantos do país, esperavam um golpe de unificação das duas patrias, sonhando o regresso á vida colonial em benefício dos seus interesses economicos. Os brasileiros, todavia, entravam em luta com os portugueses, constituindo esses movimentos uma ameaça constante á paz coletiva, durante varios anos.

Por essa época, o mundo invisível atua de maneira sensível entre os gabinetes politicos, para que a Provincia Cisplatina fosse reintegrada em sua liberdade, após a conquista indébita levada a efeito pelas fôrças armadas de D. João VI, em 1821, sob a inspiração de D. Carlota Joaquina. A imposição para submetê-la era francamente impopular, porquanto, desde os primórdios da civilização brasileira, os mensageiros de Jesus difundiram o mais largo conceito de fraternidade dentro da patria do Cru-

zeiro, onde todo o povo guarda a tradição da solidariedade e da autonomia. E a realidade é que Ismael triunfava sempre. Apesar das primeiras vitórias das armas brasileiras, a Província Cisplatina, que não era um produto elaborado pela pátria do Evangelho e nem fruto de trabalho dos portugueses, separava-se definitivamente do coração geográfico do mundo, com a mediação pacífica da Inglaterra, para formar o território que se constituiu como a Banda Oriental do Uruguai.

Enquanto se desenrolavam esses acontecimentos, a opinião pública do Brasil não abandonava a crítica a todos os atos e deliberações do imperador. D. Pedro, senhor da psicologia dos tempos novos, não ignorava quanta decisão exigiam os afazeres penosos do governo. Seus ministerios, no Rio de Janeiro, formavam-se para se desfazerem em curtos períodos de tempo. O país andava agitado e apreensivo, temendo as suas resoluções e espreitando os seus menores gestos. As suas aventuras amorosas eram perfidamente comentadas pelas anedotas da malícia carioca. O povo, conhecendo alguma coisa da sua conduta particular, encrregou-se de organizar a maior parte de todas as histórias ridículas em torno da sua personalidade, que, se era rude e sensual, não era diferente da generalidade dos homens da época e possuía, não raras vezes, ras-

gos generosos que tocavam nos mais altos cumes do sentimento.

A imprensa, começada pelo conde de Linhares em 1808, sob a proteção de D. João VI, no casarão da rua do Passeio, não o abandonou, transformando-se em sentinela dos seus menores pensamentos.

O imperador era acusado de proteger, criminosamente, os interesses portugueses, embora as suas ações em contrário.

Muitas vezes, nos seus momentos de meditação, no paço de São Cristovão, já no tempo de suas segundas nupcias, deixava ele vagar o espirito pelo mundo rico das suas experiencias, acerca dos homens e da vida, para reconhecer que todo aquele odio gratuito advinha-lhe da situação de português nato. O Brasil era reconhecido á sua ação, no que se referia á independencia politica, mas não tolerava a origem do seu imperador, em se tratando dos problemas da sua autonomia.

Após a noite das "garrafadas", em que os partidos politicos se engalfinharam na praça publica, de 13 para 14 de março de 1831, D. Pedro compareceu a um Te-Deum na igreja de São Francisco, sendo recebido, depois da cerimonia religiosa, pelo povo que o rodeou, com algumas demonstrações de desagrado.

Para conciliar os animos exaltados do partidarismo, D. Pedro organiza um novo minis-

terio, todo ele formado por homens de sua absoluta confiança. O povo, entretanto, enxergando dentro do novo gabinete ministerial somente aqueles que considerava como os palacianos de São Cristovão, reuniu-se no Campo de Santana, capitaneado por demagogos do tempo e, em poucos minutos, a revolução se alastrava pela cidade inteira. Deputações populares são enviadas ao imperador, que as recebe com serenidade e indiferença. No seio dos revoltosos estão os seus melhores amigos. Os senhores da situação eram os mesmos a quem o imperador havia amparado na véspera. O proprio exercito que ele organizara com infinito desvelo, voltava-se contra ele naquela noite memoravel. D. Pedro, depois de ouvir á meia noite as explicações do major Miguel de Frias, que viera a palacio em busca da sua decisão quanto ás exigencias do povo, que lhe impunha o antigo ministerio, mandou chamar o chefe da guarda do regimento de artilharia aquartelado em São Cristovão, ordenando, com serena nobreza, que se reunisse com os seus ás tropas revoltadas e acrescentando generosamente: — “Não quero que ninguém se sacrifique por minha causa.”

Depois da meia noite, preferiu ficar só, na quietude do seu gabinete. Ali, considerou o patrimonio das suas experiencias sagradas. Através do silêncio e da sombra, a voz de seu

pai, já na vida livre dos espaços, falava-lhe brandamente ao coração. Os mensageiros de Ismael auxiliam-lhe o cerebro exgotado na solução do grande problema, e ás duas horas da madrugada de 7 de abril de 1831, sem ouvir sequer os seus ministros e conselheiros, o imperador abdicava na pessoa do filho, D. Pedro de Alcantara, que contava então cinco anos e ficaria sob a esclarecida tutela de José Bonifacio.

De manhã, já o ex-imperador do Brasil, junto de sua familia, achava-se a bordo da nau inglesa "Warspite", de onde se transferia á "Volage" para, através dos oceanos, ser conduzido aos mesmos triunfos da generosa idéia de liberdade.